

Avô e neta unidos no projecto de turismo 'Quinta dos Frutos' na ilha Graciosa

Aldino Melo e Inês Melo são avô e neta e, para além do natural grau de parentesco, há outra coisa que os une: o turismo em espaço rural. Os dois graciosenses contaram ao Correio dos Açores, aproveitando a vinda a São Miguel, por ocasião da apresentação do Guia das Casas Açorianas, um pouco da sua história e das perspectivas que têm acerca do turismo na Região.

Do alto dos seus 84 anos, Aldino Melo diz com orgulho que é “o mais antigo em idade” dos membros das Casas Açorianas, uma associação que congrega espaços de turismo rural em oito ilhas da Região. O graciosense recorda o primeiro contacto ocorrido “em 2003, no Hotel de São Jorge”, onde foi dado ‘o pontapé de saída’ para esta aventura.

Proprietário da Quinta dos Frutos, situada na localidade da Vitória, na ilha Graciosa, Aldino Melo lembra o processo de construção deste espaço e conta que “tudo começou através do Carlos, o pai da Inês, que falou nisso. Entreguei o projecto e foi assim que me tornei pioneiro das casas açorianas”. Admitindo que estes alojamentos também lhe fazem recordar tempos mais antigos e que “ajudam a transmitir um pouco da forma como se vivia na Graciosa”, Aldino Melo considera que apesar de não ser “nada por aí além”, o turismo na Graciosa “tem sido razoável ultimamente”.

“Esta história das passagens a 60 euros tem ajudado e acabamos por ter dois verões muito bons”, afirma.

Com uma grande variedade de clientes provenientes da Região, do país e “alguns estrangeiros”, Aldino Melo admite que não diz “uma palavra em estrangeiro” e que “foi a Inês quem tratou disso e agora é o meu filho quem tem estado a desenrascar essa parte”.

Precisamente a neta Inês Melo, de 25 anos, explica que está “neste projecto das casas há já 8 anos. Comecei a ajudar o meu avô e a minha avó e agora até são mais os meus pais que ajudam porque já não estou tanto na ilha”.

“Inicialmente recebíamos muitas reservas via telefone mas tivemos de começar a ter mais presença *online* e, então, comecei por ajudar mais os avós nessa vertente de gestão das reservas (...) Fui também ajudando na limpeza das casas e como começámos a receber clientes estrangeiros e como os meus avós não sabem falar inglês, também ajudava nessa parte”, conta.

Inês Melo refere também que os turistas, “principalmente quando são portugueses”, apreciam o contacto directo com o avô.

“Temos lá um pomar e o meu avô mostra as várias árvores de fruto. As pessoas gostam também que contemos um pouco da história da ilha e que recomendemos alguns lugares a visitar. Essa é, no fundo, a essência do turismo rural”, destaca.

Apontando o mercado nórdico como tendo sido aquele com mais impacto há uns anos atrás, Inês afirma que “nestes últimos dois anos, temos tido muito turismo de Portugal continental, da Madeira e aqui das ilhas dos Açores”.

A jovem graciosense considera igualmente que se “deve investir no sector turístico das ilhas mais pequenas porque isso é muito importante para o nosso crescimento económico”.

“Acabamos por ter aqui esta tarifa dos 60



Inês Melo e Aldino Melo consideram que a falta de mão-de-obra é a principal dificuldade com que o sector se depara actualmente

euros para viajar mas que só abrange os residentes dos Açores. A realidade é que esses residentes vão uma ou duas vezes à Graciosa e, ou gostam muito e voltam todos os anos, ou não voltam mais. Acho que deviam ser dados outros incentivos para que quando as pessoas vêm a São Miguel ou à Terceira, também queiram visitar as ilhas mais pequenas”, defende.

Assistindo atentamente à conversa da neta, Aldino Melo volta a intervir quando o tema se direcciona para as dificuldades sentidas no sector e afirma, sem grandes hesitações, que “a mão-de-obra é o maior problema que encontro neste momento”.

“Pagava 40 euros a um homem para trabalhar, dava-lhe o pequeno-almoço, tinha um restaurante combinado para ele ir almoçar e ainda lhe dava uma garrafa de vinho durante o dia. É dinheiro, mas ninguém quer porque o Governo paga para eles não trabalharem. Concordo que se ajude quem é pobre mas por vezes o grande mal é a pobreza de espírito. Eu, aos 84 anos, ainda trabalho, sou amigo do ambiente e gosto de ter os meus prédios trabalhados. Ainda vou trabalhando mas com 84 anos também já não posso fazer muita coisa”, lamenta.

Aldino Melo considera também que “o turismo será o futuro dos Açores” mas, reforçando a ideia anterior, preocupa-o “a falta de braços”, acrescentando que “talvez a Graciosa seja das piores ilhas nesse aspecto”.

A neta Inês que destaca o facto de este contacto com outras culturas “ser uma experiência enriquecedora” e de ser “sempre giro perceber o que eles pensam dos Açores”, também alinha na mesma linha de pensamento do avô em relação ao futuro do sector.



A Quinta dos Frutos está situada na localidade da Vitória, na Ilha Graciosa



“Acho que o turismo vai crescer nos Açores mas é preciso algum cuidado para não deixar que ele cresça em massa porque isso pode ser prejudicial. Se assim for, a essência do turismo rural pode perder-se um pouco”, avisa antes de dar também a sua opinião sobre uma preocupação já expressa pelo avô.

“A dificuldade com a mão-de-obra diz respeito à agricultura mas também à área da

limpeza. Acho que era importante o Governo começar a criar mais incentivos ou alguns programas que puxassem as pessoas para o turismo e para a agricultura”, defende.

A terminar, Aldino Melo de 84 anos de idade, atira que “o futuro é dos mais jovens e eles agora é que têm de fazer alguma coisa. A minha neta vive no continente mas hoje em dia já não existem distâncias”, diz com um sorriso.

Luís Lobão